

Versão Online

ISBN 978-85-8015-054-4

Cadernos PDE

VOLUME I

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2009

ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA: Uma alternativa para a prevenção do fenômeno *Bullying*

Autora: *Mirian Fontoura Alves*¹
Orientadora: *Maria Lídia Sica Szymanski*²

Resumo

Retomam-se alguns conceitos de violência, distinguindo-a da indisciplina e da incivilidade. Distinguem-se, ainda, a violência na escola, da escola e à escola. Discute-se o conceito de *bullying* como uma das formas de indisciplina ou violência de acordo com sua gravidade. A partir de uma pesquisa de campo desenvolvida em uma escola da rede pública, situada em um município do Oeste do Paraná, objetivando verificar a concepção de 83 educadores – direção, equipe pedagógica, professores e agentes educacionais - sobre violência escolar, sentimentos que emergiam ao visualizar situações violentas e sugestões sobre como enfrentá-las, constatou-se que os educadores sugeriam a inclusão dessa temática no cotidiano escolar. Nesse sentido, desenvolveram-se três grandes ações preventivas: Grupo de Estudos para os Educadores, Grupo de Apoio aos docentes das quintas-séries e Oficinas aos alunos sobre essa temática. Realizou-se, a seguir, uma pesquisa com esses alunos, com objetivo de investigar situações de violência na escola, como elas se manifestam e quais papéis nos quais cada aluno se coloca, cujos dados foram coletados por meio de questionário. Constatou-se que esses episódios são recorrentes, entretanto, as situações identificadas não são tão frequentes quanto se supunha, embora alguns dados se mostrassem contraditórios, exigindo novas pesquisas. Verificou-se, ainda, a importância de um trabalho com todos os envolvidos, no sentido da prevenção de futuras ocorrências, destacando o cuidado no sentido de evitar estereótipos.

Palavras-chave: Violência; *Bullying*; Indisciplina.

¹ Professora da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná. Núcleo Regional de Educação de Cascavel – Paraná, Psicóloga do Centro Regional de Apoio Pedagógico Especializado - CRAPE Especialização em Psicanálise Clínica e Cultura, Educação Especial atendimento às necessidades especiais e processo de ensino aprendizagem da Língua Portuguesa - micarvalho@pop.com.br

² Mestre e Doutora em Psicologia pela USP e Pós-Doutora em Psicologia, Desenvolvimento Humano e Educação pela FE- UNICAMP – Docente do Programa de Mestrado em Educação(UNIOESTE) e Líder do Grupo de Pesquisa Aprendizagem e Ação Docente(GPAAD). szymanski_@hotmail.com

1 Introdução

A temática violência na sociedade contemporânea tem provocado grandes debates e discussões, principalmente a violência na instituição escolar. A complexidade do fenômeno demanda um intenso trabalho de pesquisa. Não é tarefa fácil identificar as causas da violência, inúmeros pesquisadores de diferentes áreas de estudo têm buscado em suas análises, contribuindo no aporte teórico da reflexão sobre a violência.

Várias leituras são possíveis de serem feitas, desde estudos e pesquisas com aprofundamento teórico, até o impacto que a mídia produz com a banalização da violência pelos meios de comunicação de massa. Por vezes, as discussões têm se constituído numa análise superficial, a partir do senso comum, provocando incompreensão sobre o fenômeno.

Na sociedade atual, globalizada, capitalista, cada vez mais competitiva, com as grandes mudanças tecnológicas, ocorre um forte apelo ao consumo. E, o processo de exclusão social, a má distribuição de renda, o aumento dos níveis de desemprego, são com certeza, ingredientes responsáveis para o aumento da violência.

É imprescindível buscar estratégias de enfrentamento desse fenômeno, pois a problemática presente nas escolas prejudica seu funcionamento, impedindo que ela cumpra sua função institucional, qual seja, ensinar crianças e jovens.

Este artigo apresenta algumas discussões sobre a conceituação de violência, indisciplina e incivildade, contribuindo com os educadores no cotidiano escolar, na atuação em situações de conflitos, sendo de fundamental importância reconhecer a diferença existente entre esses fenômenos.

A literatura estudada revela que a violência no âmbito do cotidiano escolar, pode ser tratada a partir da clareza que se tenha sobre o papel dos educadores frente aos comportamentos violentos, e da importância que se dá à escola como instituição formadora de cidadãos de direitos e deveres. Essa distinção permite à escola de maneira distinta tratar as diferentes ocorrências, não minimizando os atos disciplinares, pois justamente esses são os casos nos quais compete à escola intervir, buscando uma solução, com persistência e firmeza.

Apresenta também o conceito de *bullying*, como uma das formas de indisciplina ou violência de acordo com sua gravidade, procurando abordar criticamente o uso do conceito *bullying* tão explorado pelo discurso midiático. Em seguida, descreve-se a metodologia usada para execução dos trabalhos e a efetivação da intervenção na realidade escolar, fundamentada em uma pesquisa de campo objetivando analisar a concepção dos educadores da escola sobre a violência escolar e o *bulling*, descrita em artigo anterior.

Entre as ações desenvolvidas na intervenção, destacou-se uma nova pesquisa sobre a questão, agora com os alunos da mesma escola, cujos resultados e discussões compõem o capítulo 4. Finalizando, são apresentadas algumas considerações a respeito do trabalho realizado, e suas repercussões no município em que a escola se situa.

2 Enfretamento à violência

2.1 Violência, Indisciplina ou Incivilidade

Para abordar o fenômeno da violência, é importante estabelecer relação entre os modos de produção capitalista e situações que permeiam a sociedade, como injustiça social, pobreza e má distribuição de renda.

A sociedade contemporânea vem sofrendo transformações oriundas dos efeitos de um capitalismo tardio capaz de interferir substancialmente no modo como as pessoas se comportam e se relacionam. O processo de exclusão socioeconômica favoreceu o surgimento de práticas de violência que acabam por ser entendidas como normais por amplos grupos da sociedade, como forma de aceitar uma diferença interpessoal, de obter um bem material que se deseja ou de impor o mando sobre o outro (SANTOS, 2002; SZYMANSKI e ALVES, 2010).

Frequentemente, cenas de violência e hostilidade que permeiam a sociedade, ocorrem no ambiente escolar, acarretando o aumento das violações dos direitos humanos e o dilaceramento da cidadania.

A escola vive uma contradição. Ao mesmo tempo em que se constitui em uma instituição fundamental na história da “ofensiva civilizadora da modernidade” (SCHILLING, 2004) reproduzindo as desigualdades sociais que envolvem a produção da pobreza e da exclusão, apresentando, portanto, sua cota de violência, pode abrir perspectivas para superação das desigualdades sociais.

Várias pesquisas e estudos têm procurado buscar formas de conhecer melhor tal fenômeno, para propor alternativas de enfrentamento, sendo que a definição da violência se faz necessária para uma maior compreensão da mesma.

Michaud (1989, p.13) propõe uma interessante definição para violência:

Há violência quando numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais.

Amplia, portanto, o conceito de violência, apontando a questão da violência simbólica.

Chauí (1999, p. 337) observa que

Em nossa cultura a violência é entendida como o uso da força física e do constrangimento psíquico para obrigar alguém a agir de modo contrário à sua natureza e ao seu ser [...] é violação da integridade física e psíquica, da dignidade humana. Eis que o assassinato, a tortura, a injustiça, a mentira, o estupro, a calúnia, a má-fé, o roubo são considerados violência, imoralidade e crime.

Ou seja,

a violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade, como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos, perturbando os acordos e regras que pautam as relações (ZALUAR, 2001).

A violência gera sofrimento, causa danos físicos e psicológicos, humilhação, desespero, desamparo, desesperança e anuncia a barbárie em que todos podem ser vítimas. Entretanto, não existem violências propriamente ditas, mas sim, contextos violentos, que podem envolver agressões físicas ou psíquicas, e nesse último caso muito mais perversas, pois podem passar camufladas, escondidas, mas não por isso, serão menos malignas. Essa situação agrava-se, muitas vezes com o silêncio dos agredidos.

A partir dos anos 90, as pesquisas apontam mudanças no padrão da violência observada nas escolas públicas. Além dos atos tradicionais de vandalismo, percebe-se o aumento das agressões interpessoais, sobretudo, entre o público estudantil. As agressões verbais são as mais frequentes, inclusive a professores. O fenômeno é tão visível que sindicatos de professores incorporaram a defesa da integridade física e moral dos docentes em suas pautas de reivindicações.

Charlot (2002) cita como os pesquisadores franceses estabeleceram diferenças entre a violência, que fere a lei, a transgressão, que fere o regimento da instituição escolar, e a incivilidade, que fere as regras da boa convivência. Ainda, além da violência “na” e “da” escola, existe a violência “à” escola.

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar. Por exemplo, quando um bando entra na escola para acertar contas de disputas do narcotráfico.

A violência da escola é a violência institucional, simbólica, reproduzida através de seus agentes (professores, serventes), revelando-se na forma de atribuição de notas, de distribuição das classes, dos castigos, dos atos de exclusão, etc.

A violência à escola está ligada aos atos contra a escola, envolvendo casos em que alunos provocam incêndios, ameaçam, insultam ou agridem os professores ou funcionários da escola. Ainda, Charlot (2002) considera pertinente estabelecer uma distinção entre violência, indisciplina e incivilidade.

O termo violência deve ser reservado ao que ataca a lei com uso da força ou que ameaça usá-la. Envolve, dessa forma, lesões, extorsão, tráfico de drogas na escola, insultos graves e algumas formas *bullying*. A indisciplina pode ser considerada um ato “normal” de transgressão. Considera-se “normal” o adolescente expressar conduta contrária ao regulamento interno do estabelecimento, que não seja ilegal do ponto de vista da lei. A incivilidade envolve situações nas quais a

educação ainda não se efetivou no aprendiz, não se tratando de indisciplina e nem de violência, mas efeito da ignorância.

Os sociólogos franceses entendem que a incivilidade não contradiz a lei, nem o regimento interno do estabelecimento, mas sim, as regras da boa convivência: a falta de respeito, o uso do palavrão, a não realização dos trabalhos escolares, o absenteísmo, não cumprimentar, não pedir desculpas, brincadeiras de mau gosto, empurrões, ausência de bons modos em público, ataque cotidiano ao direito de cada um: professor, funcionários ou alunos, etc.

Esta categorização da violência escolar tem o efeito positivo de colocar ordem nas idéias e hierarquizar os fenômenos, evitando que qualquer evento seja computado como algo que contribui da mesma forma, intensidade e com as mesmas consequências para um quadro de violência.

A busca por delimitar esses fenômenos também contribui para criar condições que facilitem a atuação precisa sobre suas causas, diminuindo a angústia pessoal que os profissionais sentem ao enfrentar essas situações do cotidiano escolar.

2.2 O *bullying* como uma das formas de violência ou indisciplina

Quando se fala sobre violência na sociedade e nas escolas é muito importante buscar alternativas para enfrentá-las, deve-se ter cautela, pois quando esse enfrentamento vem de maneira superficial, corre-se o risco do efeito não ser positivo.

Alguns educadores, como o professor Nei Alberto Salles Filho do Núcleo de Educação para a Paz/Universidade Estadual de Ponta Grossa, tecem críticas quanto ao termo *bullying*, colocando como modismo, palavra sem tradução em português, e questiona porque não chamar de violência contra colegas, violência/assédio moral contra crianças, criticando o olhar mercadológico sobre o tema.

Nesse sentido, vale questionar o hábito, cada vez mais comum, de se cunhar novos nomes a fenômenos antigos. Se, por um lado, essa atitude traz evidência e destaque ao que queremos compreender, por outro também pode

dificultar a visualização da problema em um contexto mais amplo (ALBINO e TERÊNCIO, 2009).

A questão coloca-se, portanto, na perspectiva de que restringir-se à análise do fenômeno bullying, consistiria em uma forma de mascarar os processos sociais responsáveis pela violência. Antunes & Zuin (2008) denunciam que o conceito de *bullying*, tal como utilizado na maioria dos estudos baseados tão-somente em dados estatísticos e no diagnóstico de sua ocorrência, faz parte de uma ciência instrumentalizada e a serviço da adaptação das pessoas para a manutenção de uma ordem social desigual.

Para os autores, a expressão *bullying*, prontamente importada da literatura internacional para o quadro de estudos brasileiros, pode representar uma tipologia da violência que, na verdade, mascara os processos sociais responsáveis pela sua eclosão – seria, pois, uma forma de alienação.

Nesse ponto, vale uma citação oportuna de um dos expoentes da chamada Escola de Frankfurt, o sociólogo Theodor Adorno: “Por vezes o fundamental é falseado, quando não completamente ocultado, pelas definições obtidas pelo meio da abstração”.

Nessa ótica, entende-se que a maioria dos pesquisadores acaba não problematizando as supostas causas do *bullying*, contentando-se em citar os fatores econômicos, sociais, culturais e individuais que lhes dão base.

Desta forma, as influências familiares, de colegas, da escola e da comunidade, as relações de desigualdade e de poder, a relação negativa com os pais e o clima emocional frio em casa parecem considerados naturais e apartados das contradições culturais que os produziram.

A consequência lógica é que os programas de prevenção e combate ao problema são vistos em um contexto limitado, desembocando na defesa genérica do “educar para a paz” (ANTUNES & ZUIN, 2008), geralmente, de forma superficial e baseada tão somente em imperativos morais.

Assim, apesar da expressão *bullying* ser ainda novidade para muitos, vale ressaltar que este fenômeno é muito antigo, sendo mais uma faceta da violência que impregna as relações humanas em todas as sociedades, estando, portanto, intrinsecamente relacionado à intolerância e ao preconceito.

Diante de toda crítica a conceituação do *bullying*, deve-se estar alerta para o cuidado de não tratar o fenômeno *bullying* como algo isolado, que se dá por si só,

descolado das questões sócio-econômicos estruturais do país. É necessário que se reflita sobre a violência e a violência dentro da escola, entendendo o *bullying* como uma de suas formas de manifestação. que pode apresentar-se com diferentes níveis de gravidade.

Sua definição compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

Essa assimetria de poder associada ao *bullying* pode ser conseqüente da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes.

Trata-se de comportamentos agressivos que ocorrem nas escolas e que são tradicionalmente admitidos como naturais, sendo habitualmente ignorados ou não valorizados, tanto por professores quanto pelos pais. E a adoção universal do termo *bullying* foi decorrente da dificuldade em traduzi-lo para diversas línguas.

Entre os protagonistas do *bullying* podem-se citar agressores, vítimas e expectadores. Os agressores, muitas vezes, foram vítimas e dessa forma aprenderam a posição de agressores.

Os expectadores parecem passivos, mas na verdade, podem estar se identificando com os agressores ou as vítimas, as quais podem ser classificadas em três tipos: a vítima típica, a provocadora e a agressora (LOPES NETO, 2005).

A vítima típica possui aspecto físico frágil, coordenação motora deficiente, extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa auto-estima, alguma dificuldade de aprendizado, ansiedade e aspectos depressivos. Sente dificuldade de impor-se ao grupo, tanto física quanto verbalmente.

A vítima provocadora tenta brigar ou responder quando é atacada ou insultada, mas não obtém bons resultados. Pode ser imperativa, inquieta, dispersiva e ofensora. É de modo geral tola, imatura, irritante, e quase sempre responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra.

E a vítima agressora reproduz os maus tratos sofridos como forma de compensação, procurando outra vítima mais frágil, contra a qual comete todas as agressões sofridas na escola ou em casa, transformando o *bullying* em um ciclo vicioso.

Frequentemente, a bibliografia estudada coloca os sujeitos envolvidos no problema, dentro dessas categorias: vítima, agressor e espectador. Porém, deve-se ter um olhar crítico sobre elas, pois nem sempre os papéis sociais são tão fixos. Portanto, ao desenvolver um trabalho com os alunos, é importante que a pessoa que o conduz procure não reproduzir essas estereotípias, como por exemplo: “a vítima pode ter “orelha de abano”, talvez alimentando o *bullying*, na medida que os próprios alunos passem a utilizar-se com mais agressividade ainda, de expressões como essas.

Nem todos os alunos viveram situações de *bullying*, entretanto, trata-se de um tema de grande relevância para a educação, pois suas consequências estão diretamente ligadas ao aprendizado escolar, interferindo negativamente, causando inúmeros sintomas: mau rendimento escolar, insegurança ao circular na escola, evasão, pânico, depressão, perda de memória, anorexia, enurese noturna, cefaléia, desmaios, vômitos, queixas visuais e outros. E o pior, muitas vezes, a escola e a família tratam esses sintomas como sendo uma patologia de origem orgânica, deixando de lado sua verdadeira causa: o medo.

Especialmente, os educadores e educadoras devem aprofundar os estudos sobre as principais formas de manifestação da violência e do *bullying* no contexto escolar, por constituírem um grupo que muito tem sofrido com esta questão que dificulta o trabalho do professor, pois os muitos e contínuos conflitos dentro da sala, com os quais ele tem que lidar no dia a dia, chegam a impedir o trabalho pedagógico, contribuindo para o mal-estar docente. E é no sentido dessa reflexão que o presente artigo busca contribuir.

3 Metodologia

As atividades que integraram esse processo de pesquisa e intervenção foram desenvolvidas em uma escola da rede estadual de ensino localizada no município de Cascavel (PR) - Ensino Fundamental e Médio.

No momento da pesquisa, contava com 986 alunos matriculados nos três turnos e com um quadro de 93 educadores, sendo um na Direção e dois na Direção

Auxiliar, sete Pedagogos (Equipe Pedagógica), 61 professores (sala de aula) e 22 Agentes Educacionais.

Em 2009, desenvolveu-se uma pesquisa de campo, envolvendo os educadores da mesma escola (SZYMANSKI e ALVES, 2010), os quais sugeriram a inclusão dessa temática no cotidiano escolar, entendendo que a escola necessitava de uma rede de apoio para o enfrentamento do problema. Propuseram, ainda, estudos e ações que se inserissem no Projeto Político Pedagógico da escola, com atuação constante de todos os envolvidos.

A partir da discussão desses resultados, elaborou-se, no coletivo escolar, um Projeto que envolveu a organização de um Grupo de Estudos aberto a todos os educadores e um Grupo de Apoio especialmente voltado aos docentes das quintas-séries.

No Grupo de Estudos, foram discutidos textos e autores reconhecidos e especializados no estudo da temática violência na escola, como Abramovay (2002), Chauí (1999), Charlot (2002), Fante (2005), Schilling (2005) e Spósito, (2001). Este espaço serviu para o embasamento teórico, propiciando discussão e troca de experiência entre os pares, o que muito auxiliou na intervenção. As atividades desenvolveram-se em seis encontros durante o segundo semestre de 2010, tendo a participação de doze educadores. Definiu-se, também, que trabalhar-se-ia com as quintas-séries, tendo em vista que tais alunos estariam iniciando o Ensino Fundamental – séries finais nessa escola, oriundos da Rede Municipal de Ensino, sendo, portanto, recém chegados, critério utilizado para a constituição do grupo de apoio.

As atividades com o Grupo de Apoio aconteceram durante o horário de hora-atividade dos professores. Foram realizados seis encontros em que, juntamente com os professores, elaborou-se material de apoio para ser trabalhado nas Oficinas com as quintas-séries, envolvendo trechos de filmes, reportagens, imagens, slides, fábulas, histórias em quadrinhos e músicas.

Nesse Grupo de Apoio, planejavam-se as oficinas a serem desenvolvidas com os alunos dessas turmas. A cada encontro com os alunos, após o trabalho em sala, discutiam-se os pontos positivos e replanejavam-se as ações para as próximas oficinas.

Paralelamente, foram realizadas seis oficinas com os alunos com cada uma das três turmas do período matutino, totalizando em média 115 educandos.

Como última ação de implementação, desenvolveu-se uma pesquisa de campo sobre situação de *bullying* na escola. Foram sujeitos, 105 estudantes das quintas-séries do Ensino Fundamental, os quais não se identificaram.

Preliminarmente, foi apresentada a proposta da pesquisa em sala de aula, e os alunos concordaram em participar. Construiu-se, então, um instrumento para coleta de dados em forma de questionário, com quinze questões fechadas. As questões investigavam se ocorriam situações de *bullying* na escola, como elas se manifestavam e quais os papéis em que cada aluno se colocava.

Essa pesquisa objetivava, além desse diagnóstico, propiciar aos alunos uma oportunidade de reflexão sobre como eles se posicionavam perante esses acontecimentos. Outro objetivo era, a partir dos dados coletados, propor coletivamente estratégias de prevenção e combate à violência na escola.

As categorias para encaminhamento da análise foram estabelecidas a partir das respostas dos sujeitos, sendo a pesquisa do tipo quanti-qualitativa.

4 Resultados e discussões

O gráfico 1 apresenta a porcentagem de alunos que já havia sido maltratada por seus colegas de escola.

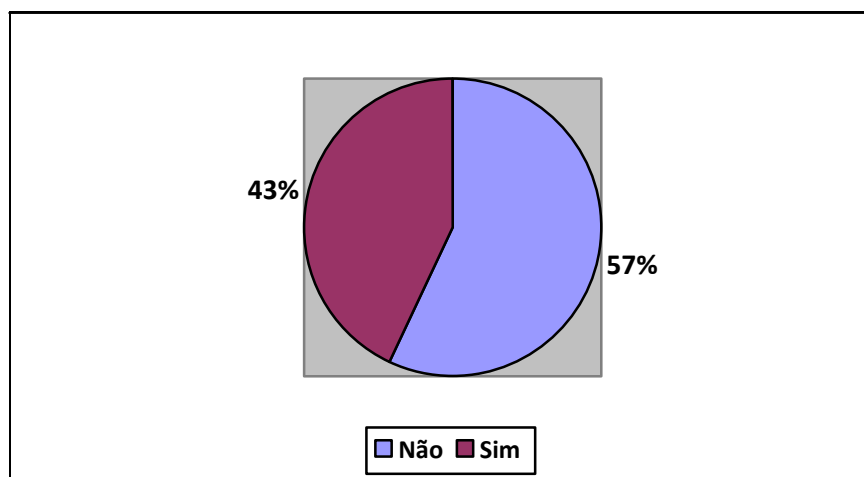


GRÁFICO 1: Você já foi maltratado por seus colegas na escola?
FONTE: Dados da Pesquisadora, 2010.

A análise dos dados coletados revela que 57% dos alunos não foi maltratada por seus colegas de escola, porém, 43% dos entrevistados respondeu que já foi maltratada.

Os dados coletados ratificam a literatura estudada, uma vez que nem todos os alunos viveram situações de *bullying*. Entretanto, trata-se de um tema de grande relevância para a educação, pois suas consequências estão diretamente ligadas ao aprendizado escolar, interferindo negativamente, causando inúmeros sintomas tais como: mau rendimento escolar ou insegurança.

Quanto aos tipos de maus-tratos recebidos, foram observados os seguintes resultados:

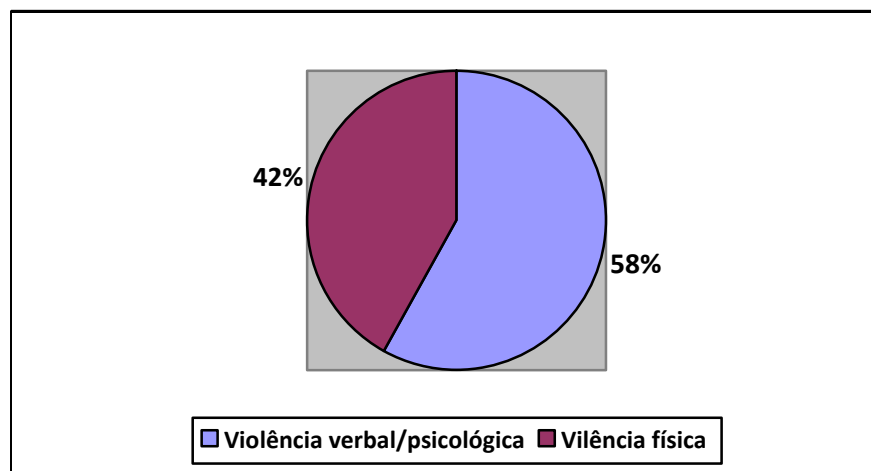


GRÁFICO 2: Quais são os tipos de maus-tratos que você recebe?
FONTE: Dados da Pesquisadora, 2010.

Percebe-se ainda no gráfico 2 que, 58% dos alunos respondeu ter sido vítima de violência verbal/psicológica e 42% já foi vítima de violência física, como: socos, pontapés e empurrões.

Verifica-se que os sujeitos que responderam na questão anterior não serem vítimas de maus-tratos, alegaram nessa questão estarem sofrendo de violência verbal/psicológica, concluindo que alguns alunos sofrem de *bullying*, porém, não vêem essas situações como violentas.

Pode-se supor que a vítima de violência, sirva em muitos casos, como bode expiatório para um grupo, sofrendo de insultos e humilhações

De acordo com a literatura estudada, as agressões físicas ou psíquicas são graves e têm danos nocivos ao alvo do *bullying*.

Por ter consequências imediatas e facilmente visíveis, a violência física muitas vezes é considerada mais grave do que um xingamento ou uma fofoca. Os jovens também podem repetir esse mesmo raciocínio e a escola deve permanecer alerta aos comportamentos moralmente abusivos.

Observou-se na escola que, nos horários de intervalo e na saída, as ações dos meninos são mais voltadas à agressividade física, portanto, mais fáceis de identificar. Constatou-se que eles chutam, gritam, empurram e/ou batem. Já no universo feminino, o problema se apresenta de forma mais velada. As manifestações entre elas podem ser fofocas, boatos, olhares, sussurros e/ou exclusão.

Geralmente, a vítima não dispõe de habilidades físicas e emocionais para reagir, demonstrando insegurança e timidez, que a impede de procurar ajuda, e são crianças com dificuldades na formação de novas amizades e não conseguem se inserir no grupo. Para a vítima, sair desse papel significa se emancipar de uma situação de sofrimento e de absoluta impotência psicológica. Ações concretas que rompam com esses sentimentos, e que demonstrem que a realidade é totalmente modificável, podem lhe dar aquele empurrão necessário para tomar coragem e mudar sua postura (COSTANTINI, 2004, p. 74).

O gráfico 3 revela a porcentagem de sujeitos que atuaram como agressores.

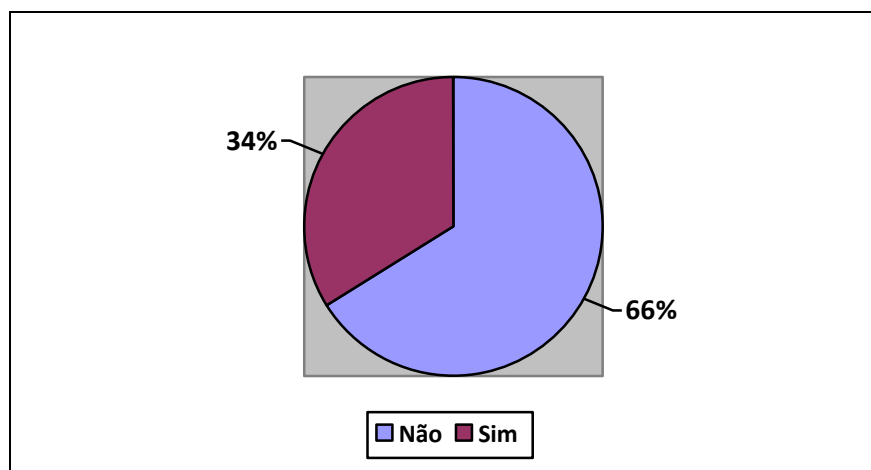


GRÁFICO 3: Você já maltratou seu colega de escola?

FONTE: Dados da Pesquisadora, 2010.

Pode-se observar pelas respostas dos alunos, que 66% alegou nunca ter maltratado seu colega de escola, já 34% respondeu ter sido agressor, pessoa que pratica a violência, aquele que vitimiza os mais fracos.

O chamado agressor apresenta desde muito cedo aversão às normas, não aceita ser contrariado ou frustrado, geralmente está envolvido em atos de pequenos delitos.

Retornando ao conceito de incivilidade, Debardieux (2000) argumenta que a carreira da vítima, assim como a carreira do delinquente, são construídas precocemente através das pequenas agressões não tratadas, provocando uma desvalorização profunda no que sofre a violência, um abandono do espaço público e um sentimento de impunidade no agressor.

Segundo a psiquiatra Silva (2010), o que falta aos agressores é afeto pelos outros, considerando-se que a subjetividade se constrói na interação social, essa falta de afeto pode ter origem em relações afetivamente pobres.

As manifestações de desrespeito, ausência de culpa e remorso pelos atos cometidos contra os outros podem ser observados desde muito cedo, já na primeira infância.

Os chamados agressores, também necessitam de ajuda, pois são, em geral, crianças com rebaixada auto estima ou mesmo vítimas de violência que reproduzem situações vivenciadas em seu contexto.

Em relação ainda aos agressores, foi perguntado quais tipos de maus-tratos os sujeitos já haviam praticado.

Verifica-se que, a violência verbal/psicológica aparece em número maior, sendo que 64% dos entrevistados respondeu que coloca apelidos, xinga e humilha os colegas, comprovando com os dados levantados em relação às vítimas desse tipo de violência.

A utilização de apelidos, muitas vezes pejorativos ou que se refiram a determinada característica física ou fragilidade das vítimas, pode explicar o predomínio desse tipo. Estes resultados estão apresentados no Gráfico 4.

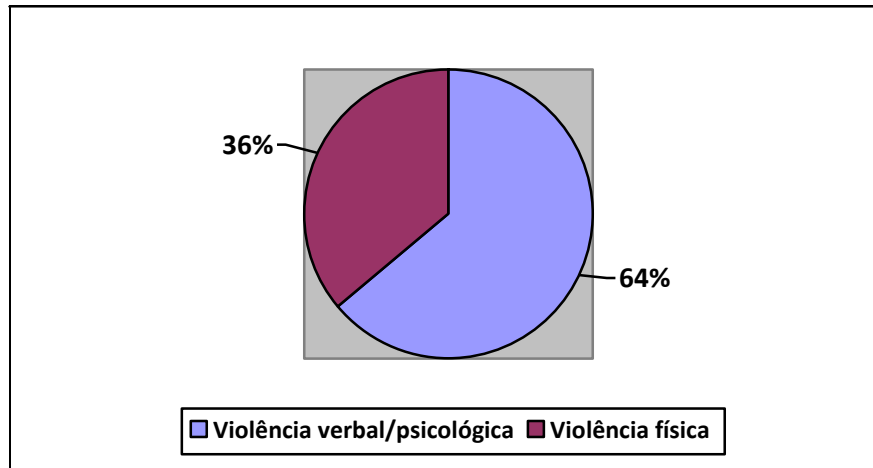


GRÁFICO 4: Quais tipos de maus-tratos você já praticou?
FONTE: Dados da Pesquisadora, 2010.

Estes dados estão de acordo com outros autores estudados no referencial teórico, segundo os quais a forma verbal foi a que prevaleceu, seguida da física.

Segundo Constantini (2004), o *bullying* é um fenômeno que expressa ideias de intimidação repetida, humilhação, agressão, ofensa, gozação, emprego de apelidos, assédio, perseguição, isolamento, discriminação, dominação, empurrão, violência física e destruição dos pertences de suas vítimas.

De acordo com Craig (1998), o *bullying* ainda envolve a diferença física e psicológica entre os pares, as ações negativas verbais ou físicas e a intenção deliberada de causar dor e sofrimento de forma repetitiva.

O intimidador, por sua vez, não encontra a contenção necessária contra a impulsividade e a agressividade em um contexto no qual se sente perfeitamente a vontade e que lhe parece sem regras e sanções significativas. Não encontra, principalmente, adultos que saibam escutá-lo e que o ajudem, inclusive em ações de enfrentamento, a tomar consciência e a sair desse papel que construiu para si mesmo - às vezes a única maneira que conhece para socializar-se -, sensibilizando-o para as relações sociais mais construtivas (COSTANTINI, 2004, p. 75).

Situações como colocar apelidos, xingar e humilhar são tipos de violência que muitas vezes são vistos como atitudes “normais” de adolescentes, mas que podem deixar marcas profundas na história de um indivíduo que convive com essas situações repetidas vezes.

Em relação ao aluno que já presenciou situações de violência, veja o Gráfico 5.

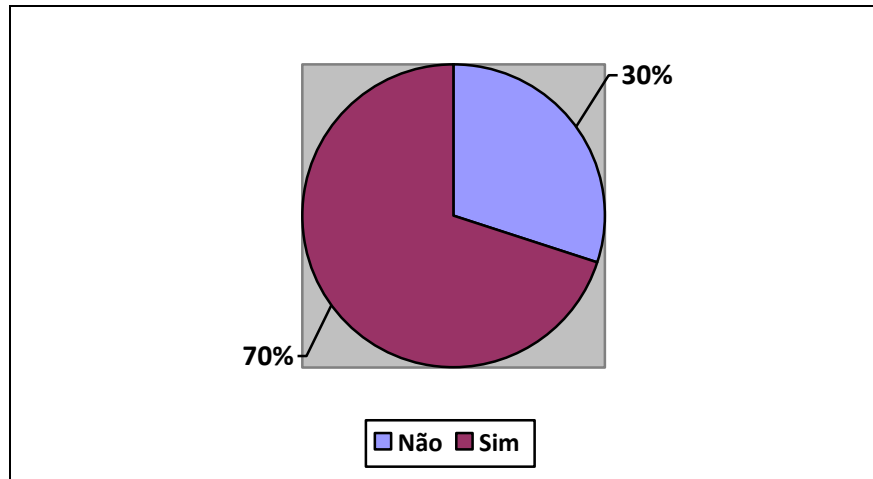


GRÁFICO 5: Você já presenciou colegas praticando *Bullying*?
FONTE: Dados da Pesquisadora, 2010.

A análise dos dados coletados demonstra que 70% dos alunos presenciaram colegas praticando *bullying* e 30% não presenciaram situações de *bullying*. Fazendo um comparativo com os alunos que são vítimas e os que são agressores, existe um número maior de alunos que são espectadores de toda essa dinâmica.

Podemos chamar de espectadores, aqueles que presenciam os maus-tratos, porém, não o sofre diretamente e nem o pratica, mas que se expõe e reage inconscientemente à sua estimulação psicossocial (FANTE, 2005).

Na maioria das vezes, as vítimas sofrem caladas por vergonha de se exporem ou por medo de represálias dos seus agressores, tornando-se reféns de emoções traumáticas destrutivas, como: medo, insegurança, raiva, pensamentos de vingança e de suicídio, além de fobias sociais e outras reações que impedem seu bom desenvolvimento escolar (FANTE, 2005, p. 16).

O Gráfico 6 apresenta os diferentes tipos de reação apresentados pelos sujeitos ao presenciarem situações de *bullying*:

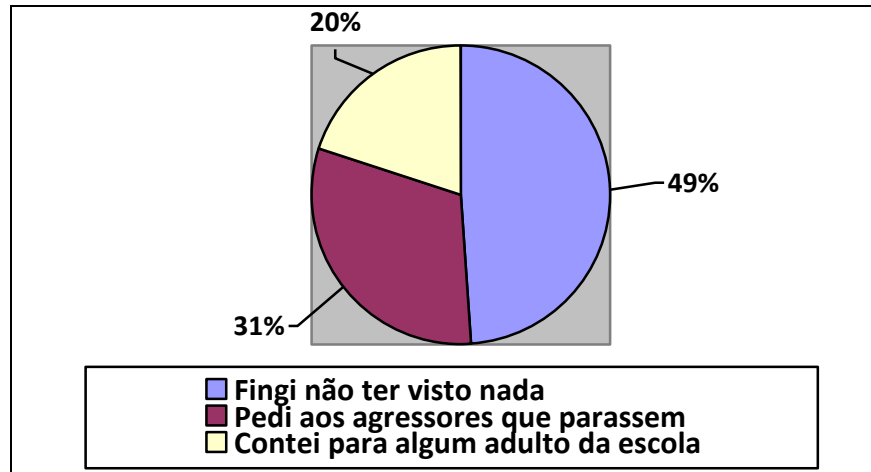


GRÁFICO 6: O que você fez ao presenciar o Bullying?
FONTE: Dados da Pesquisadora, 2010.

Percebe-se pelos dados do gráfico acima, que 49% respondeu fingir não ter visto nada, 31% pediu aos agressores que parassem e 20% contou para algum adulto da escola.

A literatura estudada afirma, muitos alunos acabam vendo diferentes situações de violência no ambiente escolar, porém, finge não ter visto nada.

Em muitos casos, o chamado espectador testemunha as ações dos agressores contra as vítimas, mas não toma qualquer atitude, não se manifesta, com medo de ser a próxima vítima.

Grande parte das testemunhas simpatiza e sensibiliza-se com as vítimas. Vários estudos comprovam que quando há interferência no *bullying*, com intuito de defesa da vítima, os casos reduzem drasticamente. Tal intervenção pode partir dos colegas ou dos professores, discutindo-se a situação de *bullying* e desmistificando-a com ações efetivas e até punitivas aos autores.

Outro resultado interessante da intervenção realizada foi a expansão do trabalho para outras escolas da cidade. Foram desenvolvidas palestras apresentando os resultados da pesquisa em dez escolas, em algumas situações com educadores e em outras com os alunos. Ainda, a Professora PDE foi convidada a apresentar a pesquisa na Câmara de Vereadores do município, em Plenária onde se discutia a questão da violência escolar.

5 Considerações finais

Este trabalho possibilitou elaborar algumas reflexões sobre a violência no cotidiano escolar. Buscou-se compreender a visão dos educadores sobre o tema, fazer um diagnóstico junto aos educandos com objetivo de distinguir e classificar os protagonistas desse fenômeno e se realmente existem situações de violência nesse contexto. Os resultados da pesquisa trazem importantes pistas para a compreensão de como a escola tem lidado com diferentes situações de violência.

Percebe-se que a temática violência há muito é um problema social e tem causado grandes preocupações entre os envolvidos, levantando discussões, sobre as quais se debruçam especialistas das mais diversas áreas.

Tomando como base a distinção entre violência, indisciplina e incivildade proposta por Charlot (2002), pode-se perceber pelos relatos, que é de fundamental importância reconhecer a diferença existente entre esses fenômenos. Desconhecer suas diferenças pode acarretar algumas intervenções não adequadas, que podem reforçar ou aumentar os comportamentos violentos.

Os casos que envolvem diferentes tipos de violência, isto é, situações que envolvem crimes como roubos, tráfico de drogas, estupros, ou mesmo casos de violência extramuros escolares que acabam por invadir a escola, devem ser comunicados à patrulha escolar.

E, ainda que a função social da escola seja a transmissão do conhecimento científico socialmente acumulado às gerações mais jovens, se a proposta pedagógica é formar cidadãos, cabe à escola trabalhar os aspectos básicos de civilidade.

Valores como respeito às diferenças e cooperação, atitudes como cumprimentar, agradecer, pedir licença, devem ser constantes em todas as relações no contexto escolar, inclusive a escola deve se posicionar sempre que necessário, pontuando as atitudes adequadas.

Em muitos momentos, verifica-se que comportamentos como: a apatia, o desinteresse, o não cumprimento de regras, a revolta contra os professores e contra a escola podem ser manifestações de que alguma coisa está errada.

Não necessariamente só com o aluno, mas também com a escola enquanto instituição, podendo a violência ser vista como outra forma de reagir às tensões e

injustiças provocadas pelo sistema escolar e por uma sociedade com tantas desigualdades sociais.

Todos desejamos que as escolas sejam ambientes seguros e saudáveis, onde crianças e adolescentes possam desenvolver ao máximo seus potenciais intelectuais e sociais. Portanto, não se pode admitir que sofram violências as quais lhes tragam danos físicos e/ou psicológicos. Ou testemunhem tais fatos, calando-se para que não sejam também agredidos e acabem por achá-los banais ou, pior ainda, que diante da omissão e tolerância dos adultos, adotem comportamentos agressivos.

Por fim, espera-se que as reflexões levantadas neste trabalho, possam encontrar possíveis caminhos para futuras pesquisas, dando continuidade em questões encontradas nas falas dos educadores, como por exemplo, qual o papel do professor frente às situações de violência no ambiente escolar e como essas situações o afetam.

Referências

ALBINO, Priscilla Linhares. TERÊNCIO, Marlos Gonçalves. **Considerações críticas sobre o fenômeno do bullying:** Do conceito ao combate e à prevenção. In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, 82, 01/11/2010 [Internet]. Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8393. Acesso em 09/06/2011.

ANTUNES, Deborah Christina; Zuin, Antônio Álvaro Soares. **Do Bullying ao Preconceito: os desafios da barbárie à educação.** In Psicologia & Sociedade, 20(1) 33-42, 2008.

CHAUÍ, M. **Introdução à Filosofia.** Porto Alegre: Ed. Bertand Brasil, 1999.

CHARLOT, Bernard. **Sociologias.** Porto Alegre, Ano 4, n. 8, jul/dez, 2002, 432-443

CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying, como combatê-lo?**; Prevenir e enfrentar a violência entre jovens. São Paulo: Itália Nova, 2004.

CRAIG, Wendy M. The Relationship Among Bullying, Victimization, Depression, Anxiety, And Aggression In Elementary School Children. In **Person. individ. Dif.**, vol. 24, n.º. 1, pp. 123-30, 1998.

DEBARBIEUX, E. "Violência nas escolas": divergências sobre palavras e um desafio político. In. DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (Org.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002. p. 59-87. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133967por.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2008.

FANTE, Cleodelice. **Fenômeno Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005.

LOPES NETO, Aramis A.; SAAVREDRA, Lucia H. **Diga não para o Bullying** ; Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003.

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SZYMANSKI, Maria Lídia Sica; ALVES, Mirian Fontoura, enfrentamento à violência na escola: prevenção do fenômeno Bullying. **Artigo PDE** .SEED-PR-2010.

ZALUAR, A.L.M.C. Violência extra e intramuros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 16, n. 45, 2001. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/107/10704508.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2007.